

ANÁLISE DOCUMENTAL E SUA CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA CIENTÍFICA

Laís Hilário Alves¹
Guilherme Saramago²
Lucia de Fátima Valente³
Angélica Silva de Sousa⁴

Quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair deles informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos – estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 4).

Resumo:

Este artigo tem como objetivos principais definir o conceito da modalidade de pesquisa científica conhecida como 'Análise Documental', identificar o processo de análise, compreendendo que a escolha dos documentos não é aleatória, bem como caracterizar seus limites e potencialidades. O texto está organizado de modo a conceituar a pesquisa documental, revelando a sua importância na pesquisa científica, compreender os procedimentos metodológicos, bem como identificar alguns limites e potencialidades com relação ao uso desta modalidade de pesquisa.

Palavras Chave:

Metodologia de Pesquisa. Pesquisa Científica. Análise Documental.

Abstract:

This article aims at defining the concept of the scientific research modality known as "Documentary Analysis", identifying the analysis process, having in mind the choice of documents is not a random one, as well as characterizing its limits and potential. The text is organized in order to conceptualize documentary research, highlighting its importance in scientific research; understand the methodological procedures; and also identifying some limits and potential concerning this research modality.

Keywords:

Research Methodology. Scientific Research. Document Analysis.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

² Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

1. Introdução

Este artigo é decorrente de estudos realizados, pelos autores, sobre as diferentes modalidades de pesquisa científica e tem como objetivo principal definir o conceito da modalidade “Análise Documental”, compreendendo-a como fundamental e intrínseca a todo tipo de pesquisa.

Busca-se analisar e compreender qual é o objetivo da análise documental, com base em alguns questionamentos, tais como: O que é Análise Documental? Quais as vantagens do uso de documentos na pesquisa científica? Como utilizar essa modalidade de pesquisa científica? Quais as possíveis potencialidades e limites de seu uso?

De acordo com Minayo (2009, p. 16), “Os conhecimentos que foram construídos cientificamente sobre determinado assunto, por outros estudiosos que o abordaram antes de nós e lançam luz sobre nossa pesquisa, são chamados *teoria*”. Neste sentido, para a realização da pesquisa bibliográfica do presente trabalho, procurou-se investigar a teoria dos autores que discutem a Análise Documental na pesquisa científica.

Portanto, para tentar responder às indagações supramencionadas, e buscar contribuir com a fundamentação teórica, destacam-se os seguintes autores: Cellard (2008), Evangelista (2012), Lakatos e Marconi (2003), Lüdke e André (1986), Minayo (2009), Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), Severino (2017) e Shiroma, Campos e Garcia (2005).

A modalidade de pesquisa identificada como Análise Documental está relacionada à abordagem qualitativa. Ressalta-se que a pesquisa qualitativa e a quantitativa não são opostos que não possam ou devam ser combinados. Entretanto, a abordagem qualitativa se ocupa nas Ciências Sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Para Minayo (2009), a pesquisa qualitativa

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2009, p. 21).

Assim, a produção humana que perpassa as relações, representações e intencionalidade, é o objeto da pesquisa qualitativa. Kripka, Scheller e Bonotto (2015,

p. 57) salientam que “Os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde esses ocorrem e do qual faz parte”, tornando, assim, o investigador como principal instrumento na obtenção das informações. Os referidos autores destacam, ainda, o uso da análise documental que, em sua essência, utiliza documentos que:

O desafio a esta técnica de pesquisa é a capacidade que o pesquisador tem de selecionar, tratar e interpretar a informação, visando compreender a interação com sua fonte. Quando isso acontece há um incremento de detalhes à pesquisa e os dados coletados tornam-se mais significativos (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015, p. 57).

A Análise documental tem como fonte, e objeto de estudo, a investigação dos documentos. Até o século XIX o conceito de documentos se restringia aos que fossem escritos e oficiais, mas, com a evolução da História e da disciplina, o conceito de documentos ultrapassou a ideia de textos escritos e/ou impressos, passando a abordar outras fontes tais como filmes, vídeos, fotografias, entre outros, constituindo-se em uma fonte preciosa para todo pesquisador.

Com essa abundância de tipos de documentos fez-se necessário, também, conceber maneiras de agrupá-los, reconhecendo que, como afirmam Lüdke e André (1986, p. 40), “A escolha dos documentos não é aleatória. Há geralmente alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando a sua seleção”.

Na análise documental é importante que o pesquisador assuma um papel ativo na pesquisa e conduza o processo de análise, seguindo os passos de selecionar o material, analisar, organizar, ler e reler, sistematizar, entre outros.

Ressalta-se que toda modalidade de pesquisa apresenta limites e potencialidades, cabendo ao pesquisador usar de sua experiência e perspicácia para analisar a veracidade das fontes, compreender a subjetividade, identificar o dito e o não dito, bem como reconhecer as vantagens do uso do documento, explorando essa fonte em um exame minucioso e reconhecendo a importância de todos os documentos.

2. Conceituando a Pesquisa Documental

A Ciência, ao longo do tempo, tornou-se instância hegemônica de conhecimento, valendo-se da aplicação de técnicas, seguindo métodos. Durante esse processo, e devido ao sucesso do conhecimento científico para a explicação dos fenômenos naturais, a Ciência passou a ver o homem como objeto de seu conhecimento e, assim, foram se constituindo as Ciências Humanas.

Segundo Severino (2017),

Na sua gênese, as Ciências Humanas procuraram praticar a metodologia experimental/matemática da ciência, assumindo os pressupostos ontológicos e epistemológicos do Positivismo. Mas as peculiaridades do modo de ser humano foram mostrando a complexidade do fenômeno humano e a insuficiência da metodologia positivista para sua apreensão e explicação. Por isso, mesmo sem abandonar a inspiração da tradição positivista, foram enriquecendo-a e aprimorando-a (SEVERINO, 2017, p. 112).

Assim, nos processos de conhecimento, têm-se elementos gerais e comuns, que marcam toda atividade de pesquisa, mas, ocorrem, também, diferenças no modo de se praticar a investigação científica. Por essa razão, como afirma Severino (2017, p. 118), “[...] várias são as modalidades de pesquisa que se podem praticar, o que implica coerência epistemológica, metodológica e técnica, para o seu adequado conhecimento”.

Minayo (2009, p. 14) entende que metodologia de pesquisa se constitui tanto pelo caminho do pensamento, como da prática exercida: “[...] a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)”.

Teoria e metodologia caminham juntas, como um conjunto de técnicas; e para Minayo (2009, p. 15), desprezar as técnicas, “[...] leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões ou a especulações abstratas e estereis”. A autora também acredita que nada substitui a criatividade do pesquisador; no entanto, “como não somos gênios, precisamos de parâmetros para caminhar na produção do conhecimento”.

Portanto, têm-se várias modalidades de pesquisa, e uma delas, a que este estudo se propôs a explorar, é a pesquisa documental que, em sentido amplo, tem os documentos como fonte e objeto de estudo e investigação. No entanto, como afirma Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5) “[...] o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos”. Os autores acrescentam ainda que:

O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 5).

De acordo com Cellard (2008), até o final do século XIX a noção de documento se aplicava quase que exclusivamente ao texto, aos arquivos oficiais. Essa noção foi reconsiderada graças à evolução da disciplina histórica, mas também pela Escola dos Anais (movimento historiográfico do século XX/França), privilegiando uma abordagem mais globalizante, ampliando a noção de documento.

Evangelista (2012, p. 8) define que os documentos são produtos de informações selecionadas “[...] de avaliações, de análises, de tendências, de recomendações, de proposições. Expressam e resultam de uma combinação de intencionalidades, valores e discursos; são constituídos pelo e constituintes do momento histórico”.

Os documentos constituem uma fonte preciosa para todo pesquisador e tais fontes podem ser classificadas em primárias e/ou secundárias, como apresenta Lakatos e Marconi (2003):

Quadro 1: Fontes dos documentos.

	ESCRITOS		OUTROS	
	PRIMÁRIOS	SECUNDÁRIOS	PRIMÁRIOS	SECUNDÁRIOS
	Compilados na ocasião pelo autor	Transcritos de fontes primárias contemporâneas	Feitos pelo autor	Feitos por outros
CONTEMPORÂNEOS	Exemplos Documentos de arquivos públicos Publicações parlamentares e administrativas Estatísticas (censos) Documentos de arquivos privados Cartas Contratos	Exemplos Relatórios de pesquisa baseados em trabalho de campo de auxiliares Estudo histórico recorrendo aos documentos originais Pesquisa estatística baseada em dados do recenseamento Pesquisa usando a correspondência de outras pessoas	Exemplos Fotografias Gravações em fita magnética Filmes Gráficos Mapas Outras ilustrações	Exemplos Material cartográfico Filmes comerciais Rádio Cinema Televisão
	Compilados após o acontecimento pelo autor	Transcritos de fontes primárias retrospectivas	Analisados pelo autor	Feitos por outros
RETROSPECTIVOS	Exemplos Diários Autobiografias Relatos de visitas a instituições Relatos de viagens	Exemplos Pesquisa recorrendo a diários ou autobiografias	Exemplos Objetos Gravuras Pinturas Desenhos Fotografias Canções Folclóricas Vestuário Folclore	Exemplos Filmes comerciais Rádio Cinema Televisão

Fonte: Lakatos; Marconi, 2003, p. 175.

Nessa mesma perspectiva, Cellard (2008, p. 298) salienta que existe uma abundância de tipos de documentos escritos e várias maneiras de agrupá-los e afirma que a pesquisa documental “[...] exige, desde o início, um esforço firme e inventivo quanto ao reconhecimento dos depósitos de arquivos, ou das fontes potenciais de informação, e isto ocorre não apenas em função do objeto de pesquisa, mas também

em função do questionamento”, sendo necessários uma preparação adequada e um exame minucioso das fontes documentais identificadas. O referido autor acrescenta que:

Assim, a escolha de pistas documentais apresentadas no leque que é oferecido ao pesquisador, deve ser feita à luz do questionamento inicial. Porém, as descobertas e as surpresas que o aguardam às vezes obrigam-no a modificar ou a enriquecer o referido questionamento (CELLARD, 2008, p. 303).

Evangelista (2012, p. 8) conclui que “[...] todos os documentos são importantes, em graus diferenciados, e expressam determinações históricas que estão no cerne do corpus documental”. Porém, é necessária uma longa reflexão, desconstruir e reconstruir – “para que a sua vida apareça”. E, para isso, é importante que se faça uma reflexão, uma decomposição da fonte, analisando a natureza, a confiabilidade, dando sentido ao documento.

3. Análise dos Documentos

Para a extração de dados na Análise Documental é necessário que o pesquisador assuma uma posição ativa na pesquisa e na produção do conhecimento, seguindo passos, quais sejam: como selecionar o material; analisar; organizar e categorizar; ler e reler; sistematizar; desconstruir e reconstruir; entre outros.

Segundo Shiroma, Campos e Garcia (2005, p. 427) “[...] um documento não é restrito a uma única e harmoniosa leitura. Pelo contrário, é aberto a re-leituras, não um objeto para consumo passivo, mas um objeto a ser trabalhado pelo pesquisador para produzir sentido”.

Ao selecionar as fontes, é necessário, para uma maior precisão, definir local e período da pesquisa, ainda que sejam provisórios e, como salienta Evangelista (2012, p. 8) “[...] um *corpus* documental consistente não é composto de imediato – só ficará completo depois de um bom tempo de recolha e trato do material – mas, sem uma base empírica não é possível desenvolver o trabalho”.

Com o objetivo de constituir um *corpus* satisfatório é necessário esgotar todas as pistas que possam oferecer informações importantes, e, nesse sentido, Cellard (2008, p. 298) afirma que nesse estágio, “[...] o principal erro consiste em se precipitar sobre o primeiro bloco de documentos obtido antes de realizar um inventário exaustivo e uma seleção rigorosa da informação disponível”.

De acordo com Cellard (2008), a constituição desse *corpus* também integra a experiência pessoal, a consulta a trabalhos de outros pesquisadores que se dedicaram ao objeto de estudo, a flexibilidade, o exame minucioso de alguns documentos, que podem, às vezes, abrir caminhos de pesquisa e levar a formulações de novas interpretações ou até modificações de pressupostos iniciais.

É importante saber contar com algumas fontes documentais, apresentando um olhar crítico sobre elas. É fundamental analisar o contexto no qual foi produzido o documento, buscando conhecer a conjuntura política, econômica, social e cultural, que levou à sua produção. Cellard (2008) corrobora com essa ideia ao afirmar que:

Uma boa compreensão do contexto é, pois, crucial, em todas as etapas de uma pesquisa documental, tanto no momento da elaboração de um problema, da escolha das pistas a seguir para descobrir as principais bases de arquivos, quanto no momento da análise propriamente dita. Esse conhecimento deve também ser global, pois nunca se pode saber de antemão quais são os elementos da vida social que será útil conhecer, quando chegar o momento de formular interpretações e explicações (CELLARD, 2008, p. 300).

Nessa busca por fontes é necessário se atentar às perguntas da pesquisa, de modo que estas sejam adequadas ao material. Os documentos fazem parte de determinações históricas que também devem ser apreendidas pelo pesquisador. Evangelista (2012) afirma que:

Sem o manejo das perguntas, das indagações, não se pode captar a essência das fontes, a diversidade de projetos nelas inscrita. É desejável que haja um cotejamento entre fontes, entre tipos diferentes e entre análises diversas para se verificar distorções, apropriações indébitas e interpretações. A riqueza de uma pesquisa é dada não apenas pela quantidade de fontes, mas pela amplitude do diálogo que o sujeito é capaz de produzir entre diferentes fontes e delas com a história, com a realidade (EVANGELISTA, 2012, p. 9).

Feita a análise preliminar, é necessário reunir todas as partes da problemática, ou do quadro teórico, como contexto, autores, interesses, confiabilidade para, então, fornecer uma interpretação coerente. O pesquisador não deve se fechar em um esquema indutivo; pelo contrário, deve questionar suas fontes, para, em seguida, confirmar, invalidar ou enriquecer suas hipóteses iniciais. Cellard (2008) discorre que:

Esse tipo de abordagem analítica deve muito à Escola dos Anais e se distingue da abordagem positivista da escola metodista. Esta última, como o vimos, contava com a acumulação de fatos históricos incontestáveis: o trabalho de análise consistia, principalmente, em fazer uma síntese dos elementos assim acumulados. A história social

modificou essa abordagem, e, doravante, procede-se preferencialmente pela desconstrução e reconstrução dos dados (CELLARD, 2008, p. 304).

Portanto, o pesquisador desconstrói seu material para depois reconstruí-lo, visando responder ao seu questionamento. Nesse processo, a leitura repetida permite ao pesquisador tomar consciência das similitudes, relações e diferenças capazes de levar a uma reconstrução confiável.

Para uma boa reconstrução é importante extrair elementos significativos dos textos e compará-los no *corpus* documental, como mostra Cellard (2008, p. 305) pois este é “[...] o momento em que uma soma de ideias ou de pensamentos se une para formar uma explicação, em que um certo raciocínio se constrói repetidamente e em que uma ligação se estabelece entre vários fatos e faz-se à luz”. A referida autora expõe ainda que:

A qualidade e a validade de uma pesquisa resultam, por sua vez, em boa parte, das precauções de ordem crítica tomadas pelo pesquisador. De modo mais geral, é a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções, que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise (CELLARD, 2008, p. 305).

É aqui que a imaginação e a intuição do pesquisador são necessárias, e mais utilizadas, não se tratando de um pensamento mágico, mas sim de uma análise fruto de reflexões, leituras, discussões com outros pesquisadores, maturação de algumas ideias, que levam à formulação de explicações e considerações aceitáveis e plausíveis.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, após obter um conjunto inicial de categorias, o próximo passo envolve um enriquecimento do sistema, incluindo aprofundamento, ligação e ampliação como estratégias. Como afirmam Lüdke e André (1986, p.43) “Baseado naquilo que já obteve, o pesquisador volta a examinar o material no intuito de aumentar o seu conhecimento, descobrir novos ângulos e aprofundar a sua visão”. Segundo as referidas autoras a última etapa consiste em um novo julgamento das categorias quanto à sua abrangência e delimitação. Elas acrescentam que:

Quando não há mais documentos para analisar, quando a exploração de novas fontes leva à redundância de informação ou a um acréscimo muito pequeno, em vista do esforço despendido, e quando há um sentido de integração na informação já obtida, é um bom sinal para concluir o estudo. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 44).

Deve-se desconfiar de uma análise que se baseia numa pesquisa pobre e com uma documentação limitada porque é necessário que o pesquisador tenha a capacidade de explorar diferentes pistas teóricas, questionar-se e apresentar explicações. Nesse contexto são analisados, a seguir, os limites e as potencialidades da análise documental.

4. Limites e Potencialidades da Análise Documental

Na Análise Documental, assim como em outras modalidades de pesquisa, é possível identificar limites e potencialidades no seu uso. Pode-se citar, por exemplo, a questão da coleta de dados, situação em que o documento elimina, ao menos em partes, qualquer influência que possa ser exercida pelo pesquisador, o que se constitui tanto em uma vantagem, quanto um limite, pelo fato de o documento se constituir, então, em um instrumento no qual o pesquisador não consegue interferir.

Com isso, Cellard (2008, p. 296) afirma que “[...] embora tagarela, o documento permanece surdo, e o pesquisador não pode dele exigir precisões suplementares”. O autor acrescenta ainda que:

O pesquisador que trabalha com documentos deve superar vários obstáculos e desconfiar de inúmeras armadilhas, antes de estar em condição de fazer uma análise em profundidade de seu material. Em primeiro lugar ele deve localizar os textos pertinentes e avaliar a sua credibilidade, assim como a sua representatividade (CELLARD, 2008, p. 296).

Existe uma abundância de tipos de documentos; porém, surge uma dificuldade referente ao acesso a essas fontes, que se coloca como um grande desafio. Nem todos os documentos são de domínio público, havendo muitos de domínio privado e que podem ser de difícil acesso, como os documentos de organizações, sindicatos, empresas etc., bem como documentos pessoais.

Para além do acesso, é necessário ao pesquisador compreender e ‘capturar’ as pistas oferecidas, ser perspicaz, questionar as fontes e os conceitos que elas trazem, procurando inclusive o que está oculto e a razão de estar oculto, como salienta Evangelista (2012):

O que a fonte silencia pode ser mais importante do que o que proclama, razão pela qual nosso esforço deve ser o de apreender o que está dito e o que não está. Ler nas entrelinhas parece recomendação supérflua; entretanto, deve-se perguntar-lhe o que oculta e por que oculta: fazer sangrar a fonte (EVANGELISTA, 2012, p. 10).

Uma crítica feita ao uso de documentos é que eles são amostras não representativas dos fenômenos estudados. Lüdke e André (1986, p. 40) acreditam que tal afirmação é verdadeira citando, como exemplo, estudar o dia a dia das escolas. “Em geral as escolas não mantêm registro das suas atividades, das experiências feitas e dos resultados obtidos. Quando existe algum material escrito ele é esparso e, conseqüentemente, pouco representativo do que se passa no seu cotidiano”. As referidas autoras apontam ainda como crítica ao uso de documentos:

[...] a sua falta de objetividade e sua validade questionável. Essas objeções são geralmente levantadas por todos aqueles que defendem uma perspectiva “objetivista” e que não admitem a influência da subjetividade no conhecimento científico. Quanto ao problema da validade, ele não se restringe apenas aos documentos, mas aos dados qualitativos em geral (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 40).

Uma das potencialidades da análise documental é a possibilidade de serem realizados alguns tipos de reconstrução da realidade e do passado, tornando -se uma fonte preciosa para todo pesquisador. Como afirma Cellard (2008, p. 295), o documento muito frequentemente “permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente”. O autor acrescenta que:

[...] graças ao documento, pode-se operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc., bem como o de sua gênese até os nossos dias (CELLARD, 2008, p. 295).

De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), o uso de documentos em pesquisa deve ser valorizado pois a riqueza de informações que se pode extrair deles justifica o seu uso, possibilitando ampliar o entendimento do objeto. Os referidos autores salientam ainda que:

A pesquisa documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais porque a maior parte das fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do trabalho de investigação. Dependendo do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa, pode se caracterizar como principal caminho de concretização da investigação ou se constituir como instrumento metodológico complementar (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 13).

Existe uma série de vantagens para o uso de documentos na pesquisa que se constituem em uma fonte estável e rica, que persistem ao longo do tempo e servem de

base para diferentes estudos. Elas podem fundamentar afirmações e declarações do pesquisador, fornecem informações sobre um determinado contexto, e seu custo, em geral, é baixo e requer, muitas vezes, apenas investimento de tempo por parte do pesquisador (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Em suma, mesmo com as críticas e limites existentes, a Análise Documental se constitui numa modalidade de pesquisa com grandes potencialidades e se mostra imprescindível para qualquer pesquisa científica.

5. Considerações Finais

A Análise Documental constitui uma modalidade importante de pesquisa, seja completando informações obtidas por outras técnicas, desvelando aspectos novos de um tema ou problema, ou confirmando, invalidando ou enriquecendo as hipóteses iniciais da pesquisa, entre outros.

Como bem colocou Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), deve-se valorizar o uso de documentos em pesquisa porque a sua riqueza de informações possibilita ampliar o entendimento do objeto. O documento também favorece a observação dos processos de maturação ou evolução de indivíduos, grupos, comportamentos, práticas, entre outros.

Como afirma Cellard (2008, p. 303), trata-se de uma avaliação preliminar do documento, a partir do exame crítico dos seguintes elementos: contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto e conceitos-chave. “[...] momento de reunir todas as partes – elementos da problemática ou do quadro teórico”.

A relevância da análise documental também se apresenta pelo fato de permitir analisar algumas dimensões como o contexto histórico e social em que foi elaborado o documento, identificar pessoas, grupos sociais, locais e fatos, e fazer um recorte temporal dos acontecimentos, que, talvez, sem esse material não seria possível.

Na análise dos documentos é importante identificar o autor, avaliar a credibilidade do texto, a autenticidade do documento, atentar-se aos conceitos-chave presentes e avaliar a sua importância. Para Cellard (2008), o pesquisador desconstrói seu material à vontade, depois procede a uma reconstrução com vistas a responder ao seu questionamento.

Na análise desse material é necessário extrair elementos do texto e comparar com outros elementos do *corpus* documental. A leitura repetida é que permite tomar

consciência das relações e levar a uma reconstrução, construindo um raciocínio e formulando uma explicação.

Quanto aos documentos, este conceito ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos e estes se constituem em uma fonte preciosa para todo pesquisador, podendo ser classificados como documento público, documento privado, documento pessoal, primários e secundários, escritos e outros, entre outras formas de classificação, de acordo com o interesse do pesquisador e o objetivo da pesquisa.

Essa importante modalidade de pesquisa apresenta seus limites e potencialidades, mas, para além disso, o pesquisador que pretende utilizá-la deve considerar sua experiência e perspicácia, consciente de seu papel ativo na pesquisa, e esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações. Não deve ter uma visão restrita de documento, mas, sim, um olhar investigativo sobre os textos, buscando analisar o dito e o não dito, bem como a sua subjetividade, e construir um *corpus* satisfatório.

Estas sugestões não são definitivas. Esse esforço de detectar padrões e categorias é um processo criativo que requer julgamentos cuidadosos sobre o que é realmente relevante e significativo nos dados, reafirmando a importante contribuição da análise documental na pesquisa científica.

Referências

CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, J. *et al.* (Orgs.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295 - 316.

EVANGELISTA, O. Apontamentos para o trabalho com documentos de política educacional. In: ARAUJO, R. M. L.; RODRIGUES, D. S. (Orgs.). **A pesquisa em trabalho, educação e políticas educacionais**. Campinas, SP: Alínea, 2012. p. 52-71.

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de investigaciones UNAD**, Bogotá, Colombia, v. 14, n. 2, p. 55-73, julio-diciembre, 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Pesquisa Documental. In: LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003. p. 174-183.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009. p. 9-29.

SÁ-SILVA, J. R.; DE ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n. 1, p. 1-14, Julho, 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2017.

SHIROMA, E. O.; CAMPOS, R. F.; GARCIA, R. M. C. Decifrar textos para compreender a política: subsídios teórico-metodológicos para análise de documentos. **Perspectiva**, Florianópolis, SC, v. 23, n. 02, p. 427-446, jul./dez. 2005.